

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA

RITA DE CASSIA CITADIN

**A CULTURA REGIONAL EM URUSSANGA (SC): REFLEXÕES SOBRE O
ENSINO DE ARTES NO MUNICÍPIO**

CRICIÚMA

2018

RITA DE CASSIA CITADIN

**A CULTURA REGIONAL EM URUSSANGA (SC): REFLEXÕES SOBRE O
ENSINO DE ARTES NO MUNICÍPIO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para
obtenção do grau superior no curso de Artes Visuais
Licenciatura da Universidade do Extremo Sul
Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.^a Dra. Viviane Kraieski de
Assunção

CRICIÚMA

2018

RITA DE CASSIA CITADIN

**A CULTURA REGIONAL EM URUSSANGA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE
ARTES NO MUNICÍPIO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado
pela Banca Examinadora para obtenção do
Grau de licenciado no Curso de Artes Visuais
Licenciatura da Universidade do Extremo Sul
Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa
em Arte e Educação

Criciúma, 20 de Novembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Viviane Kraieski de Assunção - Dra. em Antropologia Social - (UFSC) -
Orientadora

Prof.^a M.^a Amalhene Baesso Reddig - Mestre em Educação - (UNESC)

Prof. Me. Tiago da Silva Coelho - Mestre em História - (PUCRS)

Dedico este trabalho a minha família e aos meus amigos mais próximos, que me acompanharam e me apoiaram nesta conquista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que contribuíram de alguma forma para que minha caminhada acadêmica se realizasse com êxito. Agradeço em especial minha orientadora, Viviane, que teve muita paciência comigo, principalmente em dias de desespero (foram muitos dias de desespero), que me orientou sabiamente compartilhando conhecimentos e críticas para a construção desta pesquisa. Agradeço também a Luana Josephino Melo, que compartilhou comigo seus conhecimentos e referências sobre Cultura Regional. Agradeço meus amigos e família pelo incentivo e apoio, principalmente meus pais que sempre se fizeram presentes. Maiara Orben, Luiz Eduardo Uggioni e Nathália Florêncio, agradeço vocês por me acompanhar nesta jornada. Meus agradecimentos a todos os professores e professoras e as equipes pedagógicas das escolas que abriram as portas para mim e que contribuíram com a realização da pesquisa de campo, compartilhando suas vivências e conhecimentos. Agradeço a todos aqueles professores e professoras da UNESC que contribuíram na minha formação acadêmica, vocês me mostraram que a educação pode ser diferente, que podemos mudar o ensino da arte e demonstrar o poder que ela possui, que somos resistência em uma atual realidade de tempos difíceis para a educação e para a arte.

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo descrever a realidade e a relação dos professores de Artes entrevistados com a problemática da pesquisa *Como a Cultura Regional está presente nas metodologias das aulas de Artes nas escolas de Urussanga?* As questões que norteiam a pesquisa são: A cultura regional é abordada apenas em momentos específicos como datas comemorativas? De que forma estas discussões são apresentadas aos alunos? As histórias dos indígenas e negros aparecem durante as aulas ou somente a colonização italiana? Abordam o tema por constar na LDB e nos PCN? A pesquisa tem como objetivo geral investigar como a Cultura Regional está presente nas metodologias das aulas de Artes nas escolas de Urussanga. Os objetivos específicos são os seguintes: investigar como acontece o ensino regional nas escolas municipais e estaduais do município de Urussanga, observando se a cultura regional é abordada durante as aulas de Artes como um estereótipo; perceber como a Cultura Regional aparece, e se aparece, nas produções artísticas dos alunos; pesquisar quais identidades culturais do município são abordadas nas escolas. Para a pesquisa de campo foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professores de Artes, baseadas nas questões norteadoras. Fazendo uso da etnografia como recurso metodológico, visitando o museu e caminhando pela cidade, além de buscar memória da família, e trazer relatos sobre minha experiência como estagiária. Em relação aos professores entrevistados, foi percebida uma diversidade de conteúdos relacionados à Cultura Regional e princípios da Educação Intercultural ser regada por alguns dos entrevistados nas aulas de Artes. A partir dos resultados da pesquisa, foi elaborada uma proposta de curso voltada para a formação do professor de Artes, com o objetivo de ampliar o repertório referente aos conteúdos sobre Cultura Regional, integrar a interculturalidade na escola, cultura afro-brasileira e cultura indígena, desconstruindo o caráter monocultural presente no currículo escolar. Por fim, conclui-se que arte é uma produtora de conhecimento, ou seja, possibilita que os alunos que passam pela experiência de conhecer sua própria cultura, os valores da comunidade, passem a respeitar a cultura do outro, combatendo o etnocentrismo.

Palavras-chave:

Cultura Regional. Urussanga. Interculturalidade. Ensino de Artes.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Casa colonial de pedra de Arcangelo Cittadin e Luiza Escrabeloti.....	11
Figura 2: Paineis no Parque Municipal Ado Cassetari.....	29
Figura 3: Monumento ao Gemellaggio inaugurado no ano de 1992.....	30
Figura 4: Detalhes de uma calçada referenciando o cultivo da uva.....	31
Figura 5: Vinhos Cadorin.....	31
Figura 6: Urna mortuária indígena.....	36
Figura 7: Colar indígena e boladeira.....	36
Figura 8: Caneca de porcelana usada por Maria Benta.	37
Figura 9: Meu avô Hugo Citadin e eu na manhã natalina de 2013.....	39
Figura 10: Exposição Histórias Afro-Atlânticas no MASP.....	43
Figura 11: Rosana Paulino na Pinacoteca.....	44

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Perfil dos entrevistados.....	40
Tabela 2: Cronograma da proposta de curso.....	50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACT - Admitido em Caráter Temporário

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

EVA - Etil, Vinil e Acetato

MASP - Museu de Arte de São Paulo

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 APRESENTAÇÃO DE CAPÍTULOS.....	14
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
3 UMA SOCIEDADE DE CULTURAS HÍBRIDAS	18
4 CULTURA E INTERCULTURALIDADE NO ENSINO DE ARTES	21
5 BREVES RELATOS DE UMA ESTAGIÁRIA: OBSERVANDO ESTEREÓTIPOS NAS SALAS DE AULA	26
6 URUSSANGA	29
6.1 O museu conta parte da história	34
7 - RESULTADOS DA PESQUISA	40
8 PROPOSTA DE CURSO	47
8.1 EMENTA.....	47
8.2 CARGA HORÁRIA.....	48
8.3 PÚBLICO ALVO.....	48
8.4 OBJETIVOS.....	48
8.4.1 Objetivo Geral	48
8.4.2 Objetivos Específicos	48
8.5 METODOLOGIA.....	48
8.6 REFERÊNCIAS DA PROPOSTA DE CURSO.....	50
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICE (S)	55
APÊNDICE A - ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO PARA ENTREVISTAS	56
ANEXO (S)	57
ANEXO A - AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E SOM	58
ANEXO B: PRINTSCREEN DA NOTÍCIA DE 14/06/2018	59
ANEXO C: PRINTSCREEN DA MANCHETE DE 18/05/2016 SOBRE O MINISTÉRIO DA CULTURA	60
ANEXO D: MANIFESTO DA BANCADA EVANGÉLICA NO DIA 29/10/2018	60
ANEXO E: UOL - MANCHETE DO DIA 29/03/18	61
ANEXO F: TWEET DO CANDIDATO BOLSONARO FALANDO SOBRE O MINISTÉRIO DA CULTURA DO DIA 29/03/18	61

1 INTRODUÇÃO

Urussanga, eis um município que enchia meus olhos ao caminhar pelas ruas do centro, enquanto meus pais pediam para acelerar meus pequenos passos. Ainda hoje, as velhas estruturas de casas antigas que conseguiram sobreviver ao tempo atingem meu olhar sobre o lugar. Sinto-me como se estivesse vivido ali quando iniciaram as construções, consigo ver crianças brincando nas ruas sem medo, assim como o vento sul atingindo os milharais dos antigos colonos. Hoje, algumas dessas antigas construções servem de salas para o comércio.

Através das aulas de Antropologia Cultural e Cultura Regional com a Professora Dra. Viviane K. de Assunção, desenvolvi mais essa ânsia de conhecer os acontecimentos históricos do município de Urussanga. No interior do município se encontra o Rio América, parte da minha família residia e ainda reside lá. A casa colonial de pedra construída pelos meus bisavós, Arcangelo Cittadin e Luiza Escrabeloti, sempre possuiu cor amarela e janelas marrons, com uma vista linda do lugar. Lembro-me de como gostava de sentar em meio a roça de morangos enquanto meu pai conversava com seu primo sobre como andavam as coisas em Cocal.

Figura 1: Casa colonial de pedra de Arcangelo Cittadin e Luiza Escrabeloti



Fonte: Acervo da acadêmica.

Nasci em Urussanga, mas sempre vivi no seu antigo distrito, Cocal do Sul, hoje emancipado. A tranquilidade do ambiente demonstrava um charme e encanto.

Carrego há um longo tempo uma importância sobre nossa família, uma curiosidade, principalmente por parte de pai, devido à história rural. Meus avós paternos eram primos, então a identidade cultural italiana acabou predominando em casa, principalmente nos costumes alimentares e disciplina dos filhos. Durante as pesquisas, conheci muito mais sobre minha família e acredito que ainda há muito mais para descobrir. Os acontecimentos descritos pelos parentes e alguns documentos causaram um pouco de estranhamento, pois ali observei o quão pouco conhecia e, principalmente, o que foi oculto. Era prometido aos imigrantes vindos da Itália que aqui no Brasil havia muita terra para o cultivo, então, no ano de 1888, meu tataravô Pietro Cittadin, junto com seus primos, partiram de Treviso (Itália) rumo à terra prometida.

Estes imigrantes, assim como outras famílias italianas, se submeteram a passar por longas travessias em alto mar com uma promessa de vida melhor, fugindo das doenças, pobreza, guerra, e outros fatores.

As diversas etnias que se instalaram no gigantesco território brasileiro possibilitaram esta gama de diversidade cultural que o país possui. Ao reconhecer esta diversidade cultural, podemos entender um fato muito importante, segundo Linton (1986):

[...] jamais encontraremos duas comunidades com culturas iguais. É preciso notar que a sociedade é formada por um contingente organizado de pessoas, regidas pelo mesmo conjunto de normas e leis, que de alguma forma aprenderam a viver e a trabalhar juntas para a própria manutenção dessa sociedade. Uma cultura, por outro lado, é também um grupo organizado de padrões culturais, normas, crenças, leis naturais, convenções, entre outras coisas, em constante processo de transformação.

Sendo assim, aquelas famílias imigrantes, quando tomaram posse das terras de Urussanga, trouxeram consigo suas tradições e costumes do local onde viviam, dando continuidade a seu modo de vida com os recursos que estavam disponíveis. Apesar de terem trazido aspectos da culinária, arquitetura, música, religião etc., é difícil conseguir informações sobre obras de artes da época. Os colonizadores encontravam na agricultura o principal meio de subsistência.

Certo, até aqui você leu um pouco sobre a imigração italiana e talvez já esteja ficando maçante, mas isto é uma pesquisa sobre cultura regional abordada nas aulas de arte nas escolas municipais e estaduais deste município. Porém, o que quero destacar neste amontoado de letras é o fato de você ainda não ler sobre os

indígenas e negros. É importante ressaltar a história destas outras etnias, pois é bastante triste e por um longo período foi ocultada. Sempre nos disseram que aqui os colonos e os indígenas (popularmente conhecidos como “bugres”) viviam em paz. Bem, você já deve imaginar que não foi desse jeito. Houve diversos massacres na região, pois existia uma política do governo que permitia dizimar as tribos para que houvesse a colonização. Foi um processo muito violento. Neste extermínio, pouco restou sobre estes povos em registros, suas memórias foram apagadas de maneira proposital.

Trago como problemática a questão: **Como a Cultura Regional está presente nas metodologias das aulas de Artes nas escolas de Urussanga?**

Escolho o município de Urussanga por conter uma forte influência, nos costumes da região, dos colonizadores italianos. Refletindo sobre a área da cultura regional, percebo o quão raros foram os debates sobre este tema durante minha vida estudantil e em produções artísticas. A escola tinha um posicionamento distante desse tema e, quando era citado, geralmente vinha acompanhado da divulgação das festas tradicionais. Durante as aulas de Artes, os professores não referenciavam artistas locais, museus, monumentos e patrimônios históricos dos municípios. Por falta de planos de aulas que contemplam temáticas envolvendo nossa região, houve falta de valorização da cultura local e o conhecimento de outras culturas ao nosso redor. Lembrando que os materiais norteadores da educação destacam a necessidade dos conteúdos relacionados a cultura regional desde a educação infantil ao ensino médio.

Neste viés, trago as seguintes questões que norteiam a pesquisa: A cultura regional é abordada durante as aulas de Artes ou apenas em momentos específicos como datas comemorativas? De que forma estas discussões são apresentadas aos alunos? As histórias dos indígenas e negros aparecem durante as aulas ou somente a colonização italiana? Abordam o tema por constar na LDB e nos PCN?

A pesquisa tem como objetivo geral investigar como a Cultura Regional está presente nas metodologias das aulas de Artes nas escolas de Urussanga. Os objetivos específicos são os seguintes: investigar como acontece o ensino regional nas escolas municipais e estaduais do município de Urussanga, observando se a cultura regional é abordada durante as aulas de Artes como um estereótipo; pesquisar quais identidades culturais do município são abordadas nas escolas.

1.1 APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS

O Trabalho de Conclusão de Curso é composto por nove capítulos ao todo, sendo que no capítulo dois encontram-se os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento do TCC. Para este capítulo, foram utilizados os autores: Gaskell (2008), Bauer e Gaskell (2003), Assunção (2015), Sahagoff (2015) e Woortmann (2000).

A seguir, o capítulo três trata do hibridismo cultural, cultura e identidade cultural, dialogando com os autores Hall (2002), Laraia (2015), Carvalho (2016), Candau (2008) e Laplantine (2017).

No capítulo quatro, é abordada a educação intercultural no ensino de artes e o etnocentrismo. Neste capítulo, trago os seguintes autores Iavelberg (2003), Rocha (1994) e Candau (2008), além de documentos oficiais, como PCN (1997) e Lei 9.394/96.

O capítulo cinco fala sobre breves relatos de quando eu era estagiária e como observava os estereótipos presentes nas aulas, tanto das pedagogas quanto dos professores e professoras de Artes, dialogando com os autores Miziescki (2015) e Leite (2008).

No capítulo seis, encontra-se a apresentação da história de Urussanga, incluindo informações tanto de autores, quanto de memória afetiva familiar, visitas ao museu da cidade e crítica à imagem que a comunidade transpassa. Para dar suporte à escrita, utilizei os seguintes autores: Marques (1978), Santos (2004), Carvalho (2016), Leite (2008) e Assunção (2015).

Após os resultados da pesquisa realizada com professores, no capítulo sete, temos a proposta de curso a seguir no capítulo oito. As considerações finais da pesquisa encontram-se no capítulo nove.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em sua natureza, trata-se de uma pesquisa básica e de caráter qualitativo, ou seja, “evita números, lida com interpretações das realidades sociais” (BAUER; GASKELL, 2003, p. 23). A pesquisa envolve a linha de pesquisa em Educação e Arte, que tem como ementa:

Princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte. A formação de professores. As artes visuais e suas relações com as demais linguagens artísticas. Estudos sobre estética, culturas e suas implicações com a arte e a educação. (UNESC, 2014, p.3)

A pesquisa de campo teve como procedimento metodológico a etnografia. Foram realizadas visitas ao museu municipal de Urussanga, a escolas municipais, estaduais e uma particular. Foi importante também caminhar pelas ruas do município, pois “o caminhar é comparável ao ato de falar, já que se constitui em um ato de enunciação. Assim, a cidade pode ser interpretada, como uma linguagem textual, através do ato de caminhar por ela” (ASSUNÇÃO, 2015, p. 5). Percebo a importância deste caminhar pelas ruas, observar os patrimônios históricos, as construções, os sujeitos que transitam, uma vez que os lugares “conversam” conosco contando a história daquele ambiente, as crenças, tradições e o cotidiano.

Ainda sobre a pesquisa de campo, realizei entrevistas semiestruturadas com professores do município de Urussanga. Havia um roteiro que servia como guia, mas era flexível. Dependendo de como a conversa com o entrevistado se desenvolvia, novos questionamentos poderiam surgir e modificar este roteiro durante a conversa, pois, ao falar sobre o tema, podemos ir “pinçando um ponto e perguntando por mais alguns detalhes” (GASKELL, 2008, p. 83). O roteiro não tinha a função de limitar e/ou induzir as respostas dos entrevistados, mas a função de dar uma direção sobre o tema e escutar a narração do professor de artes e refletir se algum de meus objetivos se encaixa em seu contexto escolar.

As entrevistas foram registradas por meio de gravações de áudio, diário de bordo e foram realizadas pessoalmente, com exceção de uma delas, que foi encaminhada via e-mail por solicitação do entrevistado.

As questões que norteiam a pesquisa são: A cultura regional é abordada apenas em momentos específicos como datas comemorativas? De que forma estas discussões são apresentadas aos alunos? As histórias dos indígenas e negros aparecem durante as aulas ou somente a colonização italiana? Abordam o tema por

constar na LDB e nos PCN? Foi usado o questionário para coletar dados nas escolas pensando nas questões norteadoras.

A pesquisa não teve o foco de julgar qual escola está trabalhando a Cultura Regional de forma significativa e atribuir estrelas douradas. Busquei observar como está a situação por meio de meus objetivos: observar se a cultura regional é abordada durante as aulas de Artes como um estereótipo; perceber como a Cultura Regional aparece, e se aparece, nas produções artísticas dos alunos. Buscando lembrar sempre que “Uma pesquisa narrativa tem sempre objetivo e foco, embora possam mudar durante o trabalho, pois os participantes podem contribuir para apontar novos caminhos” (SAHAGOFF, 2015, p. 4). Apesar dessa contribuição e direcionamento de metodologia, é necessário ter sempre em mente o objetivo central da pesquisa, problematizando as influências externas que possam prejudicar o seu andamento.

Quando o pesquisador narrativo está em campo, ele nunca está ali apenas como mente, sem corpo, registrando a experiências de alguém, ele (pesquisador) está vivendo esta experiência, torna-se parte daquele lugar, daquele contexto. Dessa forma, é importante que o pesquisador não se envolva completamente com o estudo, é necessário um distanciamento para manter o máximo possível a objetividade do estudo. (SAHAGOFF, 2015, p. 6)

Por mais que o lugar me traga uma memória afetiva, busquei durante a pesquisa seguir princípios éticos, manter um distanciamento do lugar para tomar um posicionamento de pesquisadora e alcançar meus objetivos. Desta forma, utilizo a memória afetiva e familiar como um dos recursos, mas vejo esta estratégia metodológica com um olhar de pesquisadora que observa de fora para dentro, e de dentro para fora.

Utilizei a memória (WOORTMANN, 2000) afetiva e familiar, pois foi com ela que se iniciou esta pesquisa. Foi nas disciplinas de Antropologia Cultural e Cultura Regional no curso de Artes Visuais que me instigaram a questionar e problematizar a cultura local, analisar como são as aulas de Artes no município de Urussanga referentes aos conteúdos sobre cultura regional, se os estereótipos ainda se fazem presentes nas metodologias dos professores de Urussanga, pois minhas experiências como estagiária nas escolas de Cocal demonstraram que quase não se fala sobre cultura local nas aulas de Artes, e quando aparecia, vinha carregada de estereótipos. Então comecei a questionar se nas escolas em Urussanga seria assim

também. Utilizar o procedimento etnográfico na metodologia junto com a memória local foi muito importante no processo de pesquisa. Essa busca de informações, as idas e vindas caminhando pelas ruas, escolas, museu, juntamente com minha vivência familiar, não só me aproximaram mais da pesquisa como foram ampliando meu olhar.

Muitas vezes, nós que moramos em municípios pequenos no extremo sul catarinense, acabamos por ter uma certa vergonha de dizer que somos do interior. Isso fica mais claro quando nos deparamos com grandes centros urbanos, vergonha porque o interior está associado àquele estereótipo de ser um lugar de pessoas ingênuas, incultas e com costumes ultrapassados. Por mais que tentamos sair do interior, o interior ainda vive na gente, fica uma memória viva, e sempre voltamos para ele, um lugar que nos traz aconchego, que faz parte da nossa identidade.

3 UMA SOCIEDADE DE CULTURAS HÍBRIDAS

Vivemos em um mundo globalizado. Vivemos em um mundo globalizado? O efeito da globalização em uma civilização é rápido como o disparo de um arco. Moda, *fast-foods*, aparelhos eletrônicos, músicas etc, são consumidos e/ou produzidos no exterior, podendo ser encontrados com grande facilidade nos dias atuais.

Pensando em identidade cultural, trago o autor Hall, que diz que sujeito pós-moderno é formado por várias identidades culturais, deste modo, "não temos uma identidade fixa, essencial ou permanente" (HALL, 2002, p.12). O autor ainda afirma que "dentro de nós há identidades contraditórias empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas" (HALL, 2002, p. 13).

Sobre o efeito do hibridismo cultural decorrente da globalização, Hall afirma que:

Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas. Entretanto, seu efeito geral permanece contraditório. Algumas identidades gravitam ao redor daquilo que Robins chama de "Tradição", tentando recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas. Outras aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença e, assim, é improvável que elas sejam outra vez unitárias ou "puras"; e essas, conseqüentemente, gravitam ao redor daquilo que Robins (segundo Homi Bhabha) chama de "Tradução". (2002, p. 87)

Esta mistura de culturas gera novos costumes regionais, podendo levar os antigos costumes ao esquecimento. De certa forma, isto não é algo necessariamente ruim, apenas uma reação, pois adotamos novos estilos de vivências e deixamos para trás aqueles que já não utilizamos. Antes de iniciar a minha escrita tentando lhe convencer sobre qual a importância desta pesquisa, gostaria de levantar alguns questionamentos para melhor entender o presente texto. A primeira questão é: você conhece a história do lugar onde nasceu ou vive atualmente? Você conhece a história de sua família? Você se lembra de ter estudado sobre a história de sua cidade durante as aulas de Artes na escola? Com estas breves questões, prosseguirei com o devido texto.

Meu propósito nesta pesquisa não é limitar o olhar do aluno a conhecer e produzir somente sua cultura, mas sim, enfatizar a importância do conhecimento de sua cultura regional, as histórias de origem do lugar onde nasceu e de como se desenvolveu. Conhecer sua identidade, valorizá-la e conhecer a cultura do outro com um olhar mais aberto, compreendendo a diversidade cultural existente no mundo.

Pesquisando sobre cultura, encontrei o autor Roque de Barros Laraia e seu livro *Cultura: um novo conceito antropológico*, onde pude usufruir de uma leitura mais abrangente e didática sobre o assunto, trazendo o seguinte fragmento de seu livro:

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite inovações e invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. (LARAIA, 2015, p. 45)

Pensando sobre este fragmento, reflito sobre como foi, e ainda é, o ensino de Artes nas escolas e como existe um vazio nos planos de ensino quando falamos sobre cultura, principalmente na esfera local. Por diversas vezes, ocorre desvalorização da cultura local e também de seus artistas, e acaba-se exaltando culturas de outras localidades e longe da realidade dos estudantes. É notório que encontramos professores e professoras inovadores que acreditam no poder que a arte possui na vida dos estudantes, buscando construir com eficiência durante suas aulas proposições bem estruturadas e com valores significativos. Em contrapartida, infelizmente, é verídico que ainda hoje é visto profissionais da área de Artes utilizando conteúdos repetitivos, que tornam a disciplina algo insignificante na construção do seu conhecimento cultural.

A autora Cristina Carvalho (2016) discute em seu texto *Quando a escola vai ao museu*, alguns conceitos do que viria a significar a palavra cultura, utilizando alguns autores para contextualizar o conceito. Um deles é Da Matta, que esclarece duas concepções diferenciadas de cultura:

(i) “cultura como sinônimo de sofisticação, de sabedoria, de educação na acepção restrita do termo, equivalente a volume de literatura, a controle de informação, a títulos universitários chegando até mesmo ser confundida

com inteligência; nessa perspectiva, cultura é uma palavra usada para classificar as pessoas e, às vezes, grupos sociais, servindo como uma arma discriminatória contra grupos ou até mesmo sociedades inteiras; (ii) em outro sentido, quando um antropólogo social fala em “cultura” ele usa a palavra como um conceito-chave para a interpretação da vida social, por que entende que “cultura” não é simplesmente um referente que marca uma hierarquia de “civilização, mas a maneira de viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa”. (CARVALHO, 2016, p. 22)

Referente à citação acima fica um questionamento sobre em que sentido é utilizada a palavra cultura na educação. Tendo em vista que é preciso questionar se há uma supervalorização e desvalorização de culturas dentro destas comunidades, pois vivemos em uma sociedade de culturas híbridas, não possuímos culturas puras e “sempre que a humanidade pretendeu promover a pureza cultural e étnica, as consequências foram trágicas: genocídio, holocausto, eliminação e negação do outro” (CANDAUI, 2008, p. 51).

Para o autor François Laplantine, estamos "presos a uma única cultura, somos não apenas cegos à cultura dos outros, mas míopes quando se trata da nossa" (2017, p. 21). Para o autor, é preciso ter um distanciamento das nossas vivências culturais e ter contato com outras culturas, deste modo, percebemos nossa identidade cultural quando nos colocamos em oposição do outro. O autor ainda diz que "devemos especialmente reconhecer que somos uma cultura possível entre tantas outras, mas não a única" (2017, p. 21).

4 CULTURA E INTERCULTURALIDADE NO ENSINO DE ARTES

Utilizo como referência a autora Rosa Iavelberg, que traz em seu livro *Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores*, a importância da escola ter um currículo bem estruturado, além de ressaltar a importância do ensino de Artes. Sobre o contexto sociocultural, a autora diz que:

Trazer conteúdos de arte do ambiente de origem e do cotidiano dos estudantes para a sala de aula é uma boa e motivadora escolha curricular. Essa prática valoriza o universo cultural do grupo, dos subgrupos e dos indivíduos, incentiva a preservação das culturas e cria em cada um o sentimento de orgulho da própria cultura de origem e de respeito à outros, o que constitui condição fundamental para a construção de uma relação não-preconceituosa com diversidade das culturas. Porém, estudar tais conteúdos não deve excluir outros recortes ricos e estimulantes da aprendizagem. (IAVELBERG, 2003, p. 12)

Iavelberg destaca que as aulas de Artes devem trazer conteúdos referentes à cultura de origem dos estudantes como uma forma de promover o respeito à diversidade, além de ser um estímulo para a aprendizagem do aluno. Essa necessidade de trazer conteúdos sobre a cultura na educação artística também aparece no PCN (1997, p. 75), quando enfatiza que:

O professor pode tanto apresentar formas artísticas a partir de sua pesquisa pessoal como solicitar dos alunos dados sobre a arte produzida na sua comunidade. Esse tipo de trabalho pode dar condições para que os alunos se percebam como produtores de cultura, ao mesmo tempo que desenvolvem uma compreensão de códigos culturais.

Como vimos na citação acima, uma das formas de tratar sobre cultura nas aulas de Artes é partir do conhecimento do próprio aluno, estimulando-o a conhecer mais sobre seu contexto cultural. Podemos encontrar também na lei N° 9.394, de Dezembro de 1996, a seguinte afirmação sobre o ensino regional:

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

[...] § 2o O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica. (Redação dada pela Lei nº 13.415, de 2017)

Porém, quando se fala no ensino regional, estamos falando dos aspectos culturais como um todo, não incluindo apenas a cultura hegemônica presente nas comunidades. É preciso trazer os grupos que por décadas ficaram em minoria no contexto histórico. A lei 9.394/96, no que se refere à cultura africana e indígena, diz que:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008).

§ 1o O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008).

§ 2o Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008).

Com esse intuito de mudar essa visão de valorizar certas culturas e excluir outras, o conjunto de leis sobre cultura regional na constituição traz a necessidade da obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e indígena que, por sua vez, estão relacionadas com os grupos que tão pouco aparecem na escola e, quando aparecem, vem carregados de estereótipos. Pode-se afirmar então que é por direito e até mesmo uma obrigação os alunos estudarem e acessarem esses conhecimentos sobre estas culturas. Modificando os currículos escolares e planos de ensino para contemplar estes conteúdos, a escola estará se envolvendo mais com o ensino intercultural, que é de suma importância para a formação do estudante. Mais adiante, veremos um pouco mais sobre a interculturalidade dentro dos espaços de educação.

Recentemente, foi lançado um videoclipe “This Is America” do músico Childish Gambino¹. O trabalho possui cenas fortes sobre racismo, violência, descaso

¹ O Videoclipe está disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=VYOjWnS4cMY>

da polícia, apropriação cultural como forma de controle do governo, várias referências a fatos ocorridos devido ao racismo e intolerância e outros fatores que estão na realidade de um cidadão negro nos Estados Unidos. Para entender o que estava acontecendo, precisei assistir pelo menos três vezes. Enquanto observava as cenas, relacionava com a realidade do negro na sociedade brasileira e com o grupo de rap brasileiro Racionais MC's, tanto quanto sobre o racismo, intolerância e as influências das mídias sobre as pessoas. Mesmo que tenhamos todas essas leis, a realidade destes grupos é complicada, o etnocentrismo está enraizado na nossa sociedade e a educação intercultural pode ajudar a mudar a atual situação.

O que viria a ser o etnocentrismo? Para entender com mais clareza sobre o etnocentrismo, trago o autor Everardo Rocha, que define o etnocentrismo como “uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência” (1994, p. 7). O etnocentrismo, então, é quando um indivíduo ou grupo, que vive de um modo e possui gostos e valores parecidos, se depara com um grupo diferente e o julga pelas diferenças, colocando seus próprios valores, crenças e costumes como superiores aos dos outros. Todos nós em algum momento já tivemos opiniões etnocêntricas, pois durante nosso processo de desenvolvimento aprendemos como devemos viver na sociedade. Então quando nos deparamos com indivíduos que possuem ações diferentes da nossa, temos o sentimento de estranheza, o choque cultural. Esse sentimento de estranheza pode vir a criar os estereótipos sobre o outro, a intolerância e até mesmo violência. Um exemplo claro sobre a violência gerada por ideias etnocêntricas é o processo de colonização aqui no Brasil.

Podemos ter visões que se contrapõem ao etnocentrismo. A principal é relativizar. “Quando o significado de um ato é visto não na sua dimensão absoluta mas no contexto em que acontece: estamos relativizando. Quando compreendemos o "outro" nos seus próprios valores e não nos nossos: estamos relativizando” (ROCHA, 1994, p. 20). Ou seja, quando nos deparamos com culturas diferentes, devemos buscar entender o contexto em que essas culturas vivem e, principalmente, respeitar as diferenças. Como já foi citado anteriormente, a educação intercultural ajuda a combater o etnocentrismo.

Nossa constituição possui inúmeras leis que garantem o ensino intercultural, ressaltando a importância da cultura indígena e negra no Brasil que, por tanto tempo, foram omitidas e/ou tratadas de forma estereotipada na educação. Quando falamos de ensino de cultura regional na escola, precisamos estar atentos para que ela esteja de acordo com suas obrigações, se a interculturalidade está presente nela. O processo de desenvolvimento social e econômico não se constrói apenas a partir de uma única cultura, pois frequentemente existem diversos aspectos de outras culturas envolvidas. A educação intercultural promove uma ação social de reconhecimento dos diferentes grupos étnicos, exaltando suas diferenças e apoiando a troca de experiências destes grupos, em uma luta por reconhecimento, respeito e voz.

Não é simples e fácil incluir a educação intercultural. Para pôr esta proposta em prática, deve-se mexer com as estruturas do currículo escolar, é preciso desconstruir o que está feito e refazê-lo de acordo com os direitos humanos. A autora Vera Maria Candau diz que “[...] é necessário penetrar no universo de preconceitos e discriminações que impregna – muitas vezes com caráter difuso, fluido e sutil – todas as relações sociais que configuram os contextos em que vivemos” (2008, p. 53).

Sobre a discussão sobre educação intercultural e direitos humanos, Candau debate as tensões geradas entre igualdade e diferença na pós-modernidade. Por um período, as lutas sociais eram pelo direito da igualdade. A autora aponta que atualmente essa luta mudou as direções; hoje, o que ganhou força é a luta pela diferença, possuímos o direito de ser diferente e o direito dos diferentes terem igualdade: “não se trata de afirmar um pólo e negar o outro, mas de articulá-los de tal modo que um nos remeta ao outro” (CANDAU, 2008, p. 47).

Quais são os princípios da educação intercultural? Como desconstruir a atual realidade e construir um ensino intercultural?

A interculturalidade na educação é algo razoavelmente novo e ela vem como proposta para pôr os direitos humanos em prática. Iniciou-se com a luta de grupos que ficavam em minorias diante dos grupos supervalorizados e desde então vem ganhando cada vez mais voz na nossa sociedade. Uma vez que a educação lida diretamente com a formação do sujeito, o ensino intercultural nas escolas se faz

necessário. Ainda hoje vemos que muitas escolas promovem a valorização da cultura europeia e quando trazem conteúdos sobre outras culturas, possuem um tratamento diferente, fortalecendo estereótipos embutidos, não abrindo discussões mais amplas e contribuindo para a formação de valores.

Para Candau, uma das possibilidades de desconstruir a atual realidade destes currículos escolares é:

[...] questionar o caráter monocultural e o etnocentrismo que, explícita ou implicitamente, estão presentes na escola e nas políticas educativas e impregnam os currículos escolares. É perguntar-nos pelos critérios utilizados para selecionar e justificar os conteúdos escolares, é desestabilizar a pretensa "universalidade" dos conhecimentos, valores e práticas que configuram as ações educativas. (2008, p. 53)

As reflexões que a autora coloca estão relacionadas ao perigo em focar em determinadas culturas, gerando a ocultação, exclusão e negação de outras culturas e como estas culturas que estavam relacionadas às minorias, hoje, tomaram voz, ganharam empoderamento na sociedade em busca de seus direitos civis. Estes pontos que a autora traz devem estar integrados aos currículos escolares no decorrer do ano letivo, não somente em datas comemorativas, como acontece com frequência (CANDAU, 2008).

5 BREVES RELATOS DE UMA ESTAGIÁRIA: OBSERVANDO OS ESTEREÓTIPOS NAS SALAS DE AULA

Incrivelmente, em pleno século XXI, os ambientes escolares estão cheios de estereótipos e dos mais variados. Começando pela educação infantil, onde ficam mais explícitas as amostras de estereótipos.

Trabalhei, durante dois anos, como estagiária na rede municipal de Cocal do Sul, onde tinha como função ser auxiliar de sala na educação infantil. Neste tempo, o meu contato foi com crianças de dois a quatro anos. Chegava a ser curioso como as pedagogas trabalhavam com o famoso EVA. Existem mil e uma possibilidades de encontrar este material nos recursos pedagógicos, fazendo essas professoras receber um apelido de “fazedores de coisas” pelos próprios colegas. Recorta um pouco ali, um pouco aqui, cola ali e aqui, faz o rostinho e pronto, e então você se pergunta: “o que o aluno fez?”.

A preocupação na educação infantil estava muito focada nas atividades. Existia uma tensão em fazer o portfólio e deixar tudo organizado e encadernado para entregar na reunião dos pais. O portfólio era sempre bonito, colorido e com atividades que, por vezes, acabavam sendo repetidas, pois as professoras trabalhavam o mesmo projeto no período da manhã e tarde nas turmas de período integral. Os projetos eram longos, repetitivos, e acabavam sendo cansativos tanto para as crianças quanto para as professoras.

O guache, EVA, tampinhas de garrafa pet, carimbos de mãos e pés eram vistos com frequência. Em dias de datas comemorativas, eu ficava pensando sobre minhas memórias da época de pré-escola, e como ela mudou tão pouco desde então. A figura do índio com a pena na cabeça, o Saci Pererê, o caipira na Festa Julina feito de EVA ainda se fazem presentes.

Durante meu estágio II, percebi o contraste entre os professores com formação continuada e aqueles que se distanciaram de palestras, grupos de pesquisa etc. A minha professora supervisora deste estágio no quarto ano do ensino fundamental I contou que sempre procurava se manter atualizada na educação, e isso era notável durante as minhas observações e atuações naquela turma. Os desenhos dos alunos fugiam bastante do comum. Claro que havia alguns estereótipos, mas, em relação a outras turmas com quem tive contato, aquela era bem diferenciada. Outra curiosidade desta turma era a importância que eles davam

à disciplina. Os alunos gostavam muito das aulas e demonstravam seus interesses, eram participativos e a professora sempre estimulava o imaginário na turma.

Já no meu estágio obrigatório no fundamental II, a situação não estava diferente daquilo que eu tinha observado na educação infantil. No momento em que eu olhava as produções dos alunos e observava que aquilo que os professores falavam para esses mesmo alunos estava refletido nessas produções, parecia que eu ouvia aquelas velhas frases de "fulano, tem que pintar dentro da linha", "você já viu árvore azul? A árvore é verde e marrom!", "Está tudo voando? Tem que fazer um chão". Pergunto-me: Quanto tempo levará para isso mudar? Como os professores de Artes se posicionam diante destes estereótipos? Será que esses estereótipos encontrados na escola são pela falta de formação continuada dos professores? É um processo lento de desconstrução e conscientização por parte destes profissionais em querer mudar o ensino. Para o pesquisador Miziescki (2016, p. 06), "os estereótipos fazem parte da realidade de muitas escolas, de forma enraizada, não somente nas paredes das salas de aula, mas de forma alicerçada na cabeça das pessoas (pais, professores, direção e sociedade em geral)".

Miziescki observou estes e outros estereótipos na educação básica e no ensino de artes. Sobre as datas comemorativas, o autor apontou que:

[...] a forma errônea como muitos professores adaptam seus conteúdos enquanto comemorações, são usadas com lacunas pelas escolas. Por isso questiono: será que as lembrancinhas estereotipadas, ou não, garantem o aprendizado sobre as datas comemorativas em questão. (MIZIESCKI, 2015, p. 24)

Segundo o autor, há vários fatores que levam à construção de estereótipos no ensino de Artes. Dentre eles, o autor destaca:

a carência de professores habilitados (educadores de outras áreas assumindo a função na escola), a pedagogização das Artes, a falta de conhecimentos artísticos relacionados à expressão do aluno, as tendências pedagógicas tradicionais e tecnicistas, a falta de atualização dos professores (educador pesquisador), entre outros. (MIZIESCKI, 2015, p. 27)

O professor que não tem formação em artes ou carece de uma formação continuada, acaba ensinando formas prontas para os estudantes, as quais eles apenas seguem e repetem, deste modo, dando continuidade a estereótipos ao invés de desconstruí-los. O autor ainda diz que "o professor que utiliza os estereótipos em suas aulas, despreza a capacidade de seus alunos e desvaloriza a disciplina

enquanto conhecimento” (MIZIESCKI, 2015, p. 27).

Como já foi citado o autor anteriormente, sua reflexão sobre datas comemorativas é pertinente. Será que falar sobre a cultura indígena e africana no dia do índio e no dia da consciência negra consegue dar conta do aprendizado? Será que apenas falar que Picasso e Modigliani utilizavam referências das esculturas africanas é suficiente para conhecer a cultura africana? É necessário repensar como as culturas desses grupos aparecem nas aulas de artes, como a imagem deles aparece, se os estereótipos criados da imagem do “índio preguiçoso” e ditos “selvagens” e o negro “em pose de servidão” ainda se fazem presentes nestes ambientes educacionais e por que ainda se fazem presentes.

A arte, para Leite (2008, p. 62), “é uma das formas de produção cultural do homem em relação com a natureza, que expressa movimentos históricos, sociais e culturais de grande importância para a formação de todos os sujeitos”. Deste modo, existem diversas possibilidades de trazer conteúdos significativos nas aulas de Artes. Ampliando seu repertório durante sua formação acadêmica e pós formação, o professor pode desconstruir os estereótipos que ele mesmo possui relacionado às aulas de Artes, para depois chegar em sala de aula e fazer a diferença na formação daqueles estudantes.

6 URUSSANGA

O município de Urussanga possui um site oficial² onde podemos encontrar muitas informações, sendo para uso tanto do morador do município quanto para um turista. É possível observar que a plataforma online deixa visível a valorização da cultura italiana, principalmente nas apresentações sobre a história local, sempre trazendo a referência de ter sido colonizada por italianos. No guia de turismo, o site diz que "A cidade é voltada para uma intensa atividade cultural e busca preservar a cultura dos seus antepassados italianos".

Outro espaço que deixa explícita a valorização da identidade italiana é o Parque Municipal Ado Cassetari, local onde acontece a Festa do Vinho e a festa Ritorno Alle Origini. Possui o Museu histórico local, sede das Associações Ítalo-Brasileiras, Praça D'Itália, Restaurante e etc. Nele encontramos, perto da arena, um painel com desenhos em alto relevo, representando a chegada dos imigrantes. Entre os colonos, vemos alguns homens, uma mulher e uma criança. Estão presentes dois índios, um em pose de ataque com seu arco e outro na mira de uma arma de fogo. No cenário, podemos observar animais silvestres e outros, como um boi puxando carroça e um cachorro.

Figura 2: Painel no Parque Municipal Ado Cassetari:



Fonte: Sônia Aparecida Borba Citadin

Caminhando pelo centro da comunidade, podemos encontrar um monumento ao Gemellaggio, cidades coirmãs, inaugurado no ano de 1992. A cidade coirmã de Urussanga é Longarone, uma comuna localizada na Itália.

Segundo a Lei Orgânica do município, em seu Art. 3º, "O Município,

² Link para visitar o site: <https://www.urussanga.sc.gov.br/municipio/index/codMapaltem/6330>

objetivando integrar-se à organização, ao planejamento e à execução de funções públicas de interesse regional comum, pode associar-se a municípios brasileiros ou estrangeiros". Este artigo ainda possui um parágrafo único que diz "Concedeu-se o título honorífico de Cidade Irmã de Urussanga - "Gemellaggio" - à cidade italiana de Longarone, por meio da Lei nº 1.232, de 29 de Outubro de 1990".

Figura 3: Monumento ao Gemellaggio



Fonte: Acervo da acadêmica.

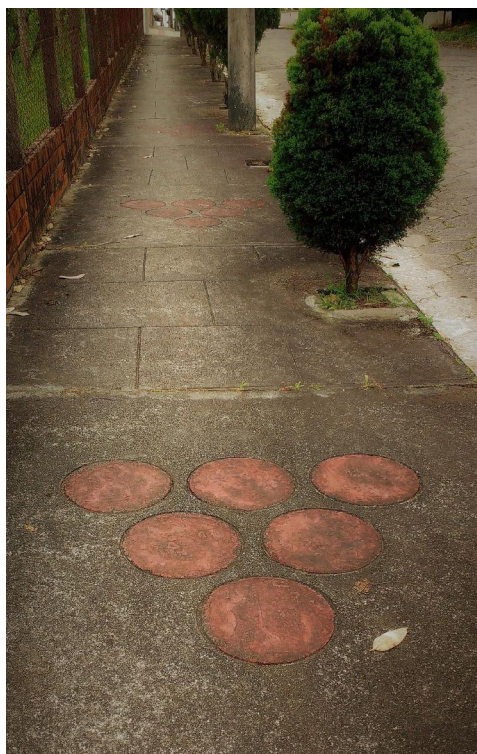
Ainda sobre o site, encontramos um espaço que fala brevemente sobre a história do município. Segundo o texto do site, "Urussanga foi o maior núcleo colonial italiano do sul de Santa Catarina. Os imigrantes chegaram à localidade de Azambuja, município de Pedras Grandes em 1877." O município teve como fundador o Engenheiro Agrimensor do Império, Joaquim Vieira Ferreira. O site ainda diz que:

Os colonizadores vieram do norte da Itália, mais especificamente do Vêneto, da Lombardia, Friuli Venezia Giulia e Trentino Alto Adige. Introduziram inicialmente a exploração da madeira, a cultura agropecuária de subsistência, a manufatura de instrumentos agrícolas e instalação de tecnologias e processamento dos cereais. Logo passaram a comercializar o excedente às comunidades açorianas e portuguesas instaladas anteriormente no litoral.

A produção de vinho e do cultivo da uva Goethe popularizaram o município como a terra do vinho, hoje reconhecida nacionalmente como a capital do

vinho. É possível observar várias referências na comunidade sobre a produção do vinho e do cultivo da uva. Com o tempo se iniciou a extração de carvão na região, o que gerou outra fonte de economia para o desenvolvimento do município. Ainda hoje, é realizada a extração do carvão, sendo possível observar os rastros da mineração no próprio centro, quando olhamos o rio na cor laranja denunciando a contaminação.

Figura 4: Detalhes de uma calçada referenciando o cultivo da uva



Fonte: Acervo da acadêmica.

Figura 5: Vinhos Cadornin



Fonte: Acervo da acadêmica.

Em busca de mais informações, recorri aos meus familiares. Sobre a mineração, perguntei como era na época, se quem trabalhava na mina deixava a roça para morar mais perto das áreas de mineração. Aparentemente, quem era “da roça”, permanecia na roça. Quem morava na zona urbana, continuava na zona urbana, com raras exceções. Entre aqueles que permaneciam nas áreas rurais, mesmo trabalhando na mineração, havia necessidade do cultivo da agricultura. As famílias possuíam muitos filhos e trabalhar somente na mina ou nas estradas de ferro não era suficiente para o sustento da família. O pai da família ia para a mina, assim como seus filhos mais velhos. Os filhos mais novos trabalhavam na roça. A mãe ficava em casa encarregada com as tarefas domésticas junto com as filhas. Poucos conseguiam frequentar a escola, e os que conseguiam não permaneciam por muito tempo.

O livro *Imigração Italiana*, do Monsenhor Agenor Neves Marques, escrito em comemoração ao centenário de Urussanga, nos dá uma ideia de como foi essa marcha de imigração italiana. O livro nos conta um pouco sobre essa travessia, tanto da situação do cidadão italiano na época e seus motivos para imigrar para o Brasil e as dificuldades do deslocamento chegando aqui na região sul.

O livro conta um pouco sobre a saída e chegada de 76 famílias que partiram de Conegliano (província de Treviso, Itália) no dia 27 de Março de 1878. Após 27 dias em alto mar, os imigrantes chegaram ao Rio de Janeiro e trocaram de embarcação rumo à capital de Santa Catarina, onde ficaram por volta de 10 a 12 dias. A viagem seguiu passando por Laguna e Tubarão com destino a Azambuja, local onde já havia imigrantes italianos. Em Urussanga, estes imigrantes foram:

[...] abrigados coletivamente, em barracões ou alojamentos feitos de achas de madeira e cobertos de esteiras de palha, onde permaneceram, aguardando a entrega de posse dos respectivos terrenos, conforme promessa, o que realmente aconteceu de 5 a 12 de junho do mesmo ano de 1878. (MARQUES, 1978, p. 60).

Em seguida, Marques fez uma relação sobre a visão do imigrante entre o lugar em que o colono vivia na Europa e como ele vê o espaço da colônia quando chegou na região:

Os majestosos arcos de triunfo emoldurados de rendas são no momento escuras cavernas enfloradas de orquídeas e gravatais. As estilizadas torres bordadas de gárgulas e cornijas são agora aos seus olhos gigantescas árvores jamais vistas até então. Os leões de mármore, postados imóveis no

adro de suas catedrais, transformam-se de repente em feras de verdade a rugir na misteriosa floresta virgem. As estátuas brancas, que povoavam seus parques e jardins, espelhando-se graciosas no azul das piscinas, repentinamente criam o novo e terrível aspecto de vultos bronzeados, esgueirando-se nús e sinuosos sob o docel da mata (1978, p. 61).

Como vemos na citação acima, o Mons. Agenor faz uma comparação um tanto quanto poética sobre este choque cultural destes colonos ao chegar ao Brasil, uma relação de uma civilização com estruturas arquitetônicas e o cenário da mata virgem com seus mistérios escondidos. Aqui vemos a figura do sujeito civilizado e do sujeito visto como bárbaro. Segundo Laplantine, os primeiros contatos entre os europeus e os povos indígenas foi um choque cultural. Os europeus viam os nativos como bárbaros, “não acreditando em Deus, não tendo alma, não tendo acesso à linguagem, sendo assustadoramente feio e alimentando-se como um animal, o selvagem é apreendido nos modos de um bestiário” (LAPLANTINE, 2017, p. 41).

Um fato curioso sobre o livro é a utilização da referência do Silvio Coelho dos Santos quando vai denominar o termo bugre. Mesmo demonstrando que o termo possui uma conotação pejorativa, podemos ver o termo ser utilizado outras vezes no livro, em legendas, títulos etc.

Sobre os indígenas, o livro conta sobre a relação entre os imigrantes e os nativos nos primeiros anos e as tragédias posteriores entre os grupos.

Cenas terríveis de bárbara crueldade são ainda hoje narradas em dialeto bergamasco pelos velhos colonos, lembrados da atrocidade dos Botocudos, como também da vanglória dos caçadores brancos, exibindo na praça um saco de orelhas, proa e resultado de impiedosa matança. (MARQUES, 1978, p. 248)

Segundo o livro, os indígenas invadiam as casas para assaltar e vingar-se da morte de outros nativos, assassinando os colonos. Devido a isso, os imigrantes iniciaram suas “caçadas” para expulsar os nativos e “fazer justiça com as próprias mãos”. Demorou alguns anos até que os indígenas retornassem e se iniciassem outras chacinas. Ainda encontramos a informação de que estas matanças não ocorriam somente em Urussanga, mas em uma longa extensão na região onde as colônias se localizavam, inclusive em Cocal, onde os imigrantes poloneses entraram em conflito com um acampamento indígena, deixando cerca de 50 nativos sem vida para fazer justiça depois de um imigrante ser morto por indígenas.

Na visão dos imigrantes durante os primeiros anos de colonização, o contato com os índios era motivo de preocupação, pois, para eles, “a floresta já apresentava mil problemas a vencer, e a existência de índios só podia significar perigo e insegurança” (SANTOS, 2004, p. 75). As colônias foram se expandindo com rapidez, e o “território que os índios podiam utilizar foi diminuindo e, com ele, as possibilidades de prover suas necessidades alimentares através da caça e da coleta” (SANTOS, 2004, p. 75). Com o tempo, os conflitos foram se intensificando, como já foi citado, as chacinas começaram a acontecer com mais frequência. Foi então que a população das colônias começou a exigir medidas de segurança, e a solução do Estado foi “utilizar bugreiros para liquidar os indígenas” (SANTOS, 2004, p. 75)

A figura destes colonos geralmente é retratada como justiceiros, pessoas que tinham como objetivo sobreviver e ampliar as colônias na região atrás de uma vida melhor. Porém, nas histórias de família, pouco é comentado sobre o incentivo do Estado à expulsão dos nativos para o cultivo de terras e as chacinas. Acabava sendo privilegiada a história do imigrante como “sujeito de paz” e o indígena como “sujeito selvagem”, que vez ou outra entravam em conflitos.

Sobre os bugreiros, Marques diz que:

Nos anos da imigração o destemido bugreiro era festejado como herói. Hoje é considerado por muitos como desalmado carrasco. Na verdade ele era o que era dentro do seu tempo e cumprindo seu destino, mercenário bem pago por tarefas cumpridas (1978, p. 263)

Segundo o autor Silvio Coelho dos Santos, o Estado só interferiu e tentou mudar a situação de Santa Catarina em relação aos indígenas no século XX, quando criou o “Serviço de Proteção aos Índios em 1910” (2004, p. 75), mas já era tarde. Após tantos anos de perseguição e mortes, não era tão simples ter uma relação amistosa com estes grupos.

6.1 O museu conta parte da história

Em busca de conhecer mais sobre meu local de pesquisa, se fez necessário ir até o Museu Histórico de Urussanga para obter mais informações, analisar como a história é contada, quem são apresentados e como são apresentados no acervo. Fiz duas visitas ao museu. Na primeira vez, meu objetivo era conhecer o ambiente. Fiz um pedido de mediação para a cuidadora do local, e

ela foi me explicando tudo enquanto eu escutava atentamente. Meu objetivo era ver como seria feita uma mediação se uma turma de alguma escola fosse até o local, como o museu iria conversar com estes espectadores, pois o museu pode ter um papel importante para a formação dos estudantes.

Para Leon (apud CARVALHO, 2016, p. 45-46),

[...] o papel educativo dos museus consiste no desenvolvimento e no aperfeiçoamento das faculdades humanas (intelectuais, culturais, artísticas, ideológicas, perceptivas, afetivas...); ou seja, a força primordial das atividades museológicas acha-se em predispor a mente à sensibilidade do visitante para o "encontro" com civilizações passadas e atuais que se apresentam como via de acesso profundo à reflexão sobre si mesmo.

Relaciono esta citação de Leon com as afirmações de Miziescki, quando este autor diz que "Visitar um museu é uma experiência muito válida, sendo um fundamento importantíssimo no desenvolvimento da sensibilidade do olhar, e na perspectiva de formação de repertório artístico-cultural" (2015, p. 78), ressaltando a importância destas mediações nos planejamentos escolares nas aulas de Artes.

O museu fica localizado no Parque Municipal onde ocorre a Festa do Vinho e do Ritorno Alle Origini, duas festas típicas sobre a cultura italiana presente no município. Durante a visita, a mediadora do local apresentou o ambiente. Segundo ela, o acervo possui muitas peças, mas devido à dimensão do local, não é possível expor todos os itens. Deste modo, apenas uma parte do acervo fica a mostra do público. Quem deu início ao acervo foi Monsenhor Agenor Neves Marques, que procurava conhecer e guardar peças consideradas importantes da cultura do município. Seu acervo pessoal foi doado para os cuidados da prefeitura e desde então este acervo vai crescendo.

Neste acervo encontramos poucas peças indígenas, entre elas podemos ver flechas, arcos, colares, urnas mortuárias etc. Encontramos uma pintura feita por Zumblick, representando três homens, conhecidos por serem mateiros, cujos nomes eram iguais, os três Emannuels. Já a parte sobre os colonos é mais extensa, nela encontramos diversas armas da época colonial, utensílios para a culinária e para a costura, equipamentos do primeiro oftalmologista do município, banda musical, ferreiro. Tem a simulação de como seria a cozinha dos colonos e do quarto. Diversas peças foram trazidas com os imigrantes e conseguiram sobreviver ao tempo, a maior parte delas tem origem italiana, pouquíssimas tem origem alemã,

inglesa e portuguesa. O mais interessante é que apenas a arte sacra do museu é portuguesa.

Figura 6: Urna mortuária indígena



Fonte: Acervo da acadêmica.

Figura 7: Colar indígena e boladeira



Fonte: Acervo da acadêmica.

Encontramos itens de alto valor nas peças de porcelana e pratarias. Chamo a atenção para as peças de porcelana, destacando que apenas uma caneca tem a etiqueta indicando que sua antiga dona era uma escrava que se chamava Maria Benta. Procurei buscar mais informações sobre esta peça de porcelana, mas não havia registros dela. Segundo a mediadora, no período que a peça chegou no museu, eles não registravam detalhes; sabe-se apenas que Maria Benta serviu uma família tradicional do município e ganhou a caneca de presente.

Figura 8: Caneca de porcelana usada por Maria Benta.



Fonte: Acervo da acadêmica.

A cultura africana ou afro-brasileira não está sendo representada no museu. Por quê? Talvez a resposta esteja nessa visão de caráter monocultural e eurocêntrico que podemos observar na região, que limita as referências culturais que o município traz como imagem do local.

Para Leite,

O que nos torna humanos é a nossa capacidade de, imersos no mundo, dar significação e, assim, produzir cultura, expressando-nos autoral e autonomamente nas diversas linguagens. Somos sujeitos eminentemente culturais; portanto, produzimos *por* e produtores *de* cultura (2008, p. 59)

Relaciono esta citação com minha ida ao museu municipal, pois ali vejo a história do município ser contada por meio do acervo, muitos objetos expostos que após mais de cem anos carregam a memória viva da região contada pelo ponto de vista dos netos, bisnetos e tataranetos dos imigrantes. Deste modo, reproduzir a cultura italiana desenvolvida na região seria um resgate ao passado com um certo orgulho. Essa cultura europeia, que foi se modificando com o hibridismo cultural conforme o tempo, é vista como um privilégio nesta região devido ao seu passado. Nesta região, “o local onde se mora e a filiação “dizem” quem a pessoa é” (ASSUNÇÃO, 2015, p. 8). Você possuir um sobrenome europeu diz muito quem você é. Infelizmente, essa questão do sobrenome, por vezes, é usada para definir alguém, como para justificar hábitos, aparência física e até mesmo classe social. Aqueles que não possuem essa descendência europeia acabam ficando excluídos,

e, em alguns casos, são vítimas de preconceito, como é o caso de sobrenomes cuja origem remete a escravizados.

Esta ida ao museu, percorrer as ruas do centro em busca de conhecer o lugar além do que os livros contam, me fez refletir sobre o que andava pensando sobre tudo aquilo que era desconhecido. Quando iniciei esta pesquisa, meu olhar para a colonização era muito memorialista, depois de pesquisar e conhecer mais, me passou um sentimento de revolta. Eu sentia, ainda sinto, que tenho uma dívida com indígenas. Embora não tenha registro e histórias na minha família de conflitos violentos com estes povos, eu ainda sinto este sentimento. Cresci escutando minha mãe dizer que a gente pode estar em uma casa sobre uma terra que um dia já foi um cemitério indígena e nem saber. Isso não tinha tanta relevância antes quanto tem agora. É claro que não desprezo meus familiares e antepassados por ter descendência de europeus colonizadores. Neste momento, entendo o que aconteceu, entendo como a imigração modificou a cultura regional e o que sou hoje, a minha identidade, tem reflexos, vestígios da cultura que foi se hibridizando nesse pedacinho do mapa.

Anteriormente eu achava que os colonos eram como meus avós paternos foram, pois minha memória dos meus avós é maravilhosa. Eu via o trabalho duro da roça e da mina nas mãos calejadas do meu avô. Amava os sabores das comidas, dos detalhes nos bordados e no crochê que minha avó fazia, que mãos ela tinha! Eram pessoas que levavam a vida na simplicidade e na humildade. Tiveram uma vida tranquila no interior de Lauro Muller, a comunicação deles com os vizinhos era feita através de visitas e/ou ida à missa, diferente da nossa, que já estamos evitando encontros pessoais e se comunicando por mensagens de texto com os conhecidos. Meus avós eram pessoas nas quais eu não via maldade; para mim, todos colonos eram como eles.

Pensando nesta minha descoberta, após ampliar meu repertório no processo de pesquisa, percebo que muitos, assim como eu tinha, têm esse olhar mais memorialista da figura do colono, um olhar que coloca uma cultura no centro e desfoca as outras.

Figura 9: Meu avô Hugo Citadin e eu na manhã natalina de 2013.



Fonte: Acervo da acadêmica.

No próximo capítulo, trago os resultados da pesquisa de campo que realizei no intuito de investigar como os professores e professoras de Artes trazem esta cultura regional para a sala de aula, se há uma (des)construção dos valores da comunidade.

7 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO

Com base na problemática e nas questões norteadoras da pesquisa, foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturado para conversar com os professores e professoras das escolas da rede municipal, estadual e privada de Urussanga. As entrevistas ocorreram entre os meses de setembro e outubro deste ano, priorizando encontros presenciais. Por ser um município de pequeno porte e os professores e professoras de Artes trabalharem em mais de uma escola, foi possível entrevistar quatro professores ao todo, sendo que dois dos entrevistados foram dentro do ambiente escolar, um deles foi em um encontro domiciliar e apenas um não foi possível realizar a entrevista pessoalmente, então foi enviado o questionário via e-mail. Para manter o anonimato dos profissionais, eu os denomino aqui E1 (Entrevistado 1), E2 (Entrevistado 2), E3 (Entrevistado 3), E4 (Entrevistado 4).

A seguir, podemos ver a tabela do perfil dos entrevistados antes de vermos os resultados da pesquisa e a análise.

Tabela 1 – Perfil dos entrevistados:

ENTREVISTADO	REDE DE ENSINO	TEMPO DE TRABALHO NA EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO	TEMPO DE TRABALHO COM O ENSINO DE ARTES	FORMAÇÃO
E1	Municipal e Estadual	16 anos	16 anos	Ensino superior em Educação Artística; Pós-graduação em Estética e História da arte.
E2	Estadual	20 anos	20 anos	Magistério; Curso superior em Educação Artística; Pós-graduada

E3	Municipal	Aproximadamente desde 2012 até o momento (foram anos intercalados, mas nos últimos 3 anos tem sido consecutivos)	13 anos	Curso superior em Artes Visuais; Pós-graduação em Metodologia do Ensino da Música.
E4	Municipal e Privada	Desde 2015 na rede municipal. Na rede privada, desde janeiro de 2018	4 anos	Artes Visuais – licenciatura; Mestrando em Educação

Todos os professores entrevistados afirmaram que é importante trabalhar a cultura regional nas aulas de Artes. Quando questionados sobre a importância, E4 disse que “não só acho importante, quanto necessário, assim como nosso país, nossa região embora interiorana, é muito rica e diversificada culturalmente”. O entrevistado ainda afirmou que “trazer para o contexto da sala de aula elementos da cultura regional dá protagonismo aos sujeitos da aprendizagem, tirando-os da visão por vezes eurocêntrica da cultura”.

Sobre este caráter monocultural e eurocêntrico, E3 disse que quando acontece uma predominância e representação muito grande de uma cultura, as outras ficam em minoria; estes alunos que ficam em minoria acabam sentindo que “não se fala da cultura deles, não se fala dos eventos das vidas deles que eles participam, que dá até uma certa vergonha deles atribuir com alguma coisa” durante as aulas. Comentou ainda que quando o professor vai trabalhar a identidade local, não pode se deixar ir tanto pela influência do que se vivencia na comunidade, pois, deste modo, pode se dar mais foco em algumas culturas e deixar de lado outras que são importantes e acabam ficando de lado até por um preconceito que a comunidade possui. É possível observar e relacionar esta fala com a proposta intercultural que a autora Candau (2008) defende e dos direitos humanos que a Constituição Brasileira possui referente ao ensino de cultura regional na educação. Para efetivar a educação intercultural, segundo Candau, é preciso

Reconstruir o que consideramos “comum” a todos e todas, garantindo que nele os diferentes sujeitos socioculturais se reconheçam, assegurando, assim, que a igualdade se explicita nas diferenças que são assumidas como

referência comum, rompendo, dessa forma, com o caráter monocultural da cultura escolar. (2008, p. 53)

Sobre os conteúdos específicos da cultura regional, E1 disse que não trabalha, mas sempre busca trazer referências de artistas locais durante suas aulas. Já E2 afirmou que não trabalha muito sobre cultura regional, e, quando trabalha conteúdos referentes ao tema, refere-se mais ao folclore, às danças típicas e à religiosidade. Em alguns momentos, pela repetição da fala dos mesmos conteúdos, pareceu que E2 não possuía um repertório mais amplo sobre Cultura Regional. Quando questionado sobre a cultura afro-brasileira, E2 admitiu que quem trabalha mais sobre a temática é a outra professora da escola.

Já E3 afirmou trabalhar o tema, Cultura Regional, tanto no Ensino Fundamental I, quanto no II, e que os conteúdos são referentes à cultura afro-brasileira, cultura indígena, brincadeiras arqueológicas³, além de trazer para as aulas outras etnias europeias que fizeram parte do processo de colonização. E3 se sente na responsabilidade de levar a diversidade cultural para a sala de aula, porém, afirmou que ainda hoje é visto com "nariz torcido", pois coordenadores não gostam muito pelo jeito que é abordado o assunto simplesmente por levar "a verdade" sobre o processo da colonização. O entrevistado também ressaltou a importância do Boi de Mamão, que há um tempo atrás era "quase que obrigação" ter uma apresentação do Boi nas festas julinas, e lamentou ao dizer que hoje essa prática da tradição açoriana vem se perdendo. Questionei sobre a influência do Boi de Mamão na carreira profissional do E3, e ele contou que a influência veio muito antes do curso superior, inclusive foi o seu primeiro emprego. Em 2001, ele foi convidado para ensinar aulas de música em uma oficina em uma escola localizada em Cocal, com o objetivo de ensinar os alunos as músicas para apresentações do Boi de Mamão nas festas julinas, pois até então era sempre ele que tocava e cantava as músicas. Infelizmente, por ser A.C.T., o projeto do Boi não se tornou algo permanente; segundo ele, houve tentativas de fazer este projeto em outras escolas e buscar trabalhar esta tradição de alguma forma. E3 também comentou sobre a nossa atual situação política e como isso vai afetar a cultura, lembrando da ameaça da extinção

³ Estas brincadeiras arqueológicas são basicamente brincar na areia à procura de utensílios perdidos para entender como funciona a arqueologia.

do Ministério da Cultura⁴ e dos grupos que estão em minoria. O entrevistado relacionou estes grupos à sua visita às exposições *Histórias Afro-Atlânticas*, no MASP, e *Mulheres Radicais: arte latino-americana, 1960-1985*, na Pinacoteca de São Paulo. Segundo ele, “a arte está gritando para que se veja mais”.

Sobre as exposições citadas pelo E3, *Mulheres Radicais: arte latino-americana, 1960-1985*, na Pinacoteca de São Paulo, conta com 280 trabalhos, sendo representados por 120 artistas latinas, do período entre 1960 e 1985. “As artistas pioneiras partiram da noção do corpo como um campo político e embarcaram em investigações radicais e poéticas para desafiar as classificações dominantes e os cânones da arte estabelecida” (PINACOTECA DE SP, 2018). Segundo a página *online* do MASP, a exposição *Histórias Afro-Atlânticas* “parte do desejo e da necessidade de traçar paralelos, fricções e diálogos entre as culturas visuais dos territórios afro-atlânticos — suas vivências, criações, cultos e filosofias” (MASP, 2018).

Figura 10: Exposição Histórias Afro-Atlânticas no MASP



Fonte: <https://masp.org.br/exposicoes/historias-afro-atlanticas>

⁴Começamos a ouvir e ver as ameaças da extinção do Ministério da Cultura nos noticiários no ano de 2016, quando o presidente Michel Temer assumiu o cargo. No ano de 2018, antes do candidato Jair M. Bolsonaro se eleger Presidente, já havia comentado algumas vezes sobre excluir alguns ministérios, incluindo o da Cultura. Nos anexos B,C,D,E, e F encontram-se notícias e *tweet* do candidato Jair M. Bolsonaro.

Figura 11: Rosana Paulino na Pinacoteca



Fonte: <http://www.rosanapaulino.com.br/blog/exposicoes/>

De acordo com E4, “podemos trabalhar com a cultura regional desde bebês até adultos”, e os conteúdos que já trouxe para suas aulas foram a história de Urussanga, iconografia, iconografia indígena, patrimônio histórico e cultura negra em Urussanga.

Nota-se a diversidade dos temas que foram mencionados nas falas dos entrevistados, assim como as referências da cultura da comunidade local e da cultura de fora. Deste modo, é possível fazer ligação ao que a autora Lavelberg (2003) diz sobre como conhecer a própria cultura por meio do cotidiano da comunidade são importantes para os estudantes, trazer a diversidade, proporciona um orgulho da própria cultura e o respeito pela cultura do outro.

Neste sentido, é possível dizer que alguns entrevistados estão buscando quebrar os estereótipos, procurando levar a diversidade dentro das possibilidades que a escola permite, uma vez que, a escola acaba limitando os materiais disponíveis para a disciplina de Artes. E3 mencionou que muitos professores do Fundamental I, o procuram pedindo ajuda para pararem de trabalhar de forma equivocada alguns conteúdos, como música e atividades culturais. E3 ainda disse que vê professores pintando o rosto das crianças e fazendo cocar no dia do Índio. Essa realidade condiz com o que o Miziescki (2015) discute sobre o uso de estereótipos em datas comemorativas.

Notou-se que os artistas da região mais citados pelos entrevistados foram

as Manas Bonetti (Urussanga), Leandro Jung (Urussanga), Zé Diabo (Orleans), Willy Zumblick (Tubarão). Artistas como Henry Goulart (Urussanga), César Pereira (Jaguaruna), Mahíra Silveira (Criciúma), Jussara Guimarães (Porto Alegre – RS)⁵, Angélica Neumaier (Santa Maria – RS) e Eli Heil (Florianópolis), também foram comentados, sendo assim, os alunos possuem referências de artistas tanto locais, como de outras cidades do Sul do estado e da capital do Estado.

Leandro Jung é um professor e artista de Urussanga, formado em Artes Visuais Licenciatura pela UNESC, também é o organizador do evento *Vivências Culturais Palmeira Alta*, que teve a oportunidade de estar presente na 2ª edição que ocorreu no ano de 2016. É um evento que envolve a cultura regional, traz exposições de pinturas com temas do local, possui venda de comidas típicas dos colonos, como salame, queijo e vinho. Neste evento, presenciei uma apresentação de teatro, exposição de suas produções usando porongo e também produções de outros artistas. O local onde ocorre o evento é o próprio sítio da família dele. Suas produções artísticas envolvem os personagens feitos de porongos, xilogravura e pintura.

Já as conhecidas Manas Bonetti são irmãs gêmeas Marielle e Michelle Bonetti, naturais de Urussanga. São conhecidas pelas suas produções em mosaico. O ateliê das artistas é a Casa de Pedra Cancellier localizada em Urussanga, que fica aberto para visitas.

Percebeu-se também que os professores costumam utilizar materiais acessíveis em suas aulas, como textos, imagens, filmes, documentários, memória familiar, porém não evidenciaram sobre que assuntos estes materiais contêm, além de serem sobre cultura regional. Sobre a questão de usar a memória, E4 disse que suas aulas possuem três etapas: “Primeiramente dou voz aos alunos sobre o que eles já sabem sobre determinado assunto, e que possam perguntar em casa para pais, avós, etc. Daí aparecem “coisas” extraordinárias, como fotos, depoimentos, bem como vídeos, documentários, textos, etc.” Assim como E4, fiz uso da memória (WOORTMANN, 2000) para iniciar e desenvolver a pesquisa de TCC, procurando conhecer a realidade e compreender o processo de colonização e desenvolvimento

⁵ Assim como a artista Jussara Guimarães, a artista Angélica Neumaier é do Rio Grande do Sul. Ambas são referências de muitos alunos do curso de Artes Visuais da UNESC por lecionarem na universidade. O tempo de vivência na região também influenciou a reconhecê-las por muitos como artista do sul de Santa Catarina.

do município, e relacionando-a com os autores Mons. Agenor Neves Marques e Silvio Coelho dos Santos.

E2 e E3 comentaram sobre a dificuldade de realizar saídas de campo devido ao custo dos transportes. E2 ainda contou que a escola não possui muitos materiais para serem utilizados nas aulas de Artes, e comentou que “a escola não tem abertura, não vê a arte como uma disciplina que estimula”, o que acaba desmotivando os professores da área.

A questão sobre abordar o tema por constar na lei, na LDB, e nos PCN, resultou em respostas mais curtas. Todos os professores responderam que sim. E1, E2 e o E3 comentaram sobre a elaboração do planejamento anual da escola, e que a partir destes planejamentos os conteúdos são abordados.

A última questão do roteiro de perguntas era sobre a proposta da educação intercultural. E1 e E2 pediram para explicar o que viria a ser esta proposta, e, após um breve comentário, obtive respostas evasivas, disseram somente que achavam importante. E3 comentou que a proposta intercultural é muito importante e que ele “tem gosto” por levar para a sala de aula, ainda ressaltando que esta proposta já deveria ser “algo normal” nas escolas. O entrevistado E4 deu uma resposta mais direta, demonstrando que conhecia a proposta. Segundo ele, “assim como o sujeito deve conhecer a sua cultura, também deve conhecer a cultura do outro, para que o respeito a diversidade possa existir”. Notou-se que alguns professores, embora não conheçam com profundidade o conceito da educação intercultural, possuem propostas pedagógicas que se alinham com essa concepção de integrar as diferentes culturas presentes na região do município, como propõe Candau (2008) ao falar sobre como a interculturalidade.

Ao longo das entrevistas, algo me chamou a atenção em relação ao tempo de serviço dos entrevistados. Aqueles que possuem uma formação mais recente são os que mais mencionaram abordar a Cultura Regional de forma mais crítica, evitando estereótipos, e demonstraram um repertório mais amplo. O entrevistado E3, em comparação a E4, se formou há mais tempo, mas seu contato com exposições, ao visitar espaços culturais, ir a palestras, como citou em entrevista, ampliou seu repertório como professor de Artes. Então, ambos se mantêm atualizados em relação ao ensino de Artes.

8 PROPOSTA DE CURSO: DIVERSIDADE(S) NAS AULAS DE ARTES

Durante nosso processo de formação acadêmica, nos deparamos com muitos obstáculos ainda presentes na educação; obstáculos estes que podem ser superados, como é o caso da desvalorização cultural e dos estereótipos que ainda hoje são encontrados no ambiente escolar. A partir desta ideia e dos resultados da pesquisa, esta proposta de curso possui o intuito de provocar reflexões e questionamentos, além das possibilidades de ampliar o repertório artístico-cultural dos participantes. Serão utilizadas referências diversas, como Vera Maria Candau (2008), Rosa Iavelberg (2003), Leis e documentos norteadores (Art. 26 da lei N° 9.394/96, Art. 26A da Lei N° 9.394/96, LDB, PCN), a palestra “*Os perigos da história única*” da Chimamanda Adichie, e artistas, como Rosalina Paulino, além da presença de arqueólogo e liderança indígena, afim de desconstruir os estereótipos presentes nas aulas de Artes e conscientizar os participantes sobre as lacunas que ocorrem nos currículos escolares relacionados aos estudos sobre cultura local e regional.

Durante a pesquisa realizada com professores no município de Urussanga, alguns professores comentaram sobre a falta de tempo para participar de eventos e grupos de pesquisas devido aos horários durante a semana. Deste modo, penso que este curso deve ser realizado antes do início das aulas, assim aqueles professores que tiverem interesse em participar, possuirão tempo disponível para a formação proposta.

É importante ressaltar que este projeto de curso é pensando na formação coletiva dos professores, pois é importante a troca de experiências, vivências, ideias do que já realizaram nas escolas. Sabemos que quando os acadêmicos se formam, por vezes, devido à rotina, criam um distanciamento da universidade, dos colegas, e estes cursos possibilitam retomar este contato e, quem sabe, fazer o profissional refletir sobre sua própria formação.

8.1 EMENTA

Cultura Regional nas aulas de Artes. Abordagem crítica dos estereótipos no ensino de Artes. Educação Intercultural. Formação histórica e processo de colonização em Urussanga.

8.2 CARGA HORÁRIA

12 horas/aula

8.3 PÚBLICO ALVO

Professores de Artes da rede municipal, estadual e privada do município de Urussanga.

8.4 OBJETIVOS

8.4.1 Objetivo geral

- Refletir sobre as metodologias utilizadas nas aulas de Artes relacionadas aos conteúdos sobre Cultura Regional.

8.4.2 Objetivos específicos

- Desconstruir estereótipos presentes nas aulas de Artes;
- Ampliar o repertório artístico-cultural por meio das referências artísticas, práticas e produções artísticas;
- Desenvolver planejamentos de aula em grupo a fim de integrar a educação intercultural;
- Promover a importância da educação intercultural no âmbito escolar.

8.5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

PRIMEIRO ENCONTRO

O grupo de professores irão se reunir na praça do centro de Urussanga inicialmente. Após o grupo reunido, será proposta uma caminhada até o parque municipal para uma visita ao museu. Esta caminhada tem o propósito dos professores observarem o ambiente por onde vão caminhando, observando os locais, as pessoas, a memória que a comunidade transpassa. O mesmo olhar aguçado será instigado durante a visita ao museu. É uma atividade de reflexão. Depois disso, o grupo irá se reunir, em algum ponto no próprio parque e conversar sobre suas observações, críticas, dúvidas etc. Será discutida e problematizada a

perspectiva cultural que o lugar demonstra, o caráter monocultural e eurocêntrico que fica explícito no município, e como os professores lidam com estas problemáticas nas escolas e as possibilidades de mudanças que podem ocorrer, por meio da apresentação da educação intercultural no currículo escolar, utilizando o artigo *Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença*, da autora Candau (2008) como referência.

SEGUNDO ENCONTRO

Neste encontro, teremos uma oficina de cerâmica, em especial a cerâmica guarani, com o objetivo de aproximar os professores das técnicas de cerâmica e demonstrar que é possível utilizar argila na sala de aula e levar a cultura indígena de diversas formas, sendo a cerâmica uma das possibilidades. Para contextualizar com a prática, será convidado um pesquisador da área de arqueologia e/ou história e uma liderança indígena para auxiliar no diálogo sobre a presença indígena na região.

TERCEIRO ENCONTRO

No terceiro encontro serão apresentados diversos artistas negros de nacionalidade brasileira como referencial teórico, em especial, a artista Rosana Paulino⁶ que aborda questões como o feminismo negro e decolonialismo. Sobre estereótipos, iremos assistir à palestra “*Os perigos da história única*”, de Chimamanda Adichie. Neste dia, abordaremos a problemática dos estereótipos utilizados durante as aulas de Artes referentes à cultura afro-brasileira. Como prática, será proposto que professores presentes façam um esboço de um plano de ensino com este conteúdo. Após o término, acontecerá uma partilha das ideias.

⁶ Visite o site: <http://www.rosanapaulino.com.br/>

Tabela 2: Cronograma da proposta de curso

Dia	Carga Horária	Descrição
1° Encontro	4 H/A	Proposta de reflexão caminhando até o museu municipal de Urussanga. Conversa sobre a vivência da comunidade, realidade das escolas, educação intercultural e as possibilidades de mudanças no currículo escolar. Artigo sobre interculturalidade de Candau (2008).
2° Encontro	4 H/A	Oficina de cerâmica Guarani. Presença de um pesquisador da área de arqueologia e/ou história, juntamente com uma liderança indígena.
3° Encontro	4 H/A	Rosana Paulino - feminismo negro e decolonialismo, outros artistas e a palestra de Chimamanda Adichie. Estereótipos nas aulas de Artes referentes à cultura afro-brasileira. Exercício de plano de ensino com os conteúdos apresentados.

REFERÊNCIAS DA PROPOSTA DE CURSO

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 130p. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>> Acesso em: 03/04/18

_____. Presidência da República. **LEI Nº 9.394**. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 03 abr. 2018.

CANDAU, Vera Maria. **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença***. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p.45-56, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/05.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2018.

CHIMAMANDA Adichie: o perigo de uma única história. [s.i]: Tedglobal, 2009. (18 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br#t-25610>. Acesso em: 31 out. 2018.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003. 126 p.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trago novamente a problemática “Como a Cultura Regional está presente nas metodologias das aulas de Artes nas escolas de Urussanga?” para pensar sobre meus resultados durante o processo da pesquisa. Foi possível compreender, durante a busca por informações da história da colonização, as várias verdades existentes, podemos ver a história ser contada por diferentes pontos de vista, e geralmente os protagonistas desta história são os colonizadores italianos. É possível relacionar essas várias verdades com a palestra *Os perigos da história única* da Chimamanda Adichie, na qual a escritora fala sobre suas vivências na Nigéria e nos EUA, o mal entendimento cultural por falta de conhecer “o outro”, e comenta sobre a necessidade de conhecer mais do que apenas um lado da história. Segundo a escritora, “A única história cria estereótipos. E o problema com estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornam-se a única história”. (CHIMAMANDA..., 2009)

Procurei trazer para o referencial teórico autores que sustentassem a pesquisa, como é o caso das Leis que garantem o ensino da cultura regional e da cultura afro-brasileira bem como a cultura indígena. Trago autores importantes como Rocha (1994), Candau (2008), Leite (2008), Miziescki (2015), Iavelberg (2003), Hall (2002), Santos (2004), Assunção (2015), Sahagoff (2015), Laraia (2015), Carvalho (2016), Laplantine (2017), Mons. Agenor Neves Marques (1978), dentre outros.

Em relação aos professores, confesso que esperava resultados negativos nas entrevistas, mas me surpreendi pela diversidade de conteúdos de Cultura Regional e a sementinha da interculturalidade ser regada por alguns dos entrevistados. Foi possível observar que os entrevistados que trabalham os conteúdos sobre cultura regional, levam as proposições no decorrer do ano, mas não durante o ano todo. Durante as entrevistas, pelo modo que os professores responderam, não foi possível detectar estereótipos em suas aulas, porém, como E3 disse, ainda se encontra na realidade de outros professores. As identidades culturais que mais se fizeram presentes na análise foram as culturas italiana, indígena, afro-brasileira, bem como a cultura açoriana por meio do Boi de Mamão.

Analisando o resultado da pesquisa de campo e a reclamação por parte de alguns professores sobre a falta de tempo em frequentar grupos de pesquisa

para a formação continuada, pensei em uma proposta de curso que tem a pretensão de acontecer antes do ano letivo se iniciar, devido à disponibilidade dos participantes, por possuírem uma carga horária grande, e por vezes, ser necessário o deslocamento de uma escola para a outra, o que acaba gastando tempo e sendo cansativo. Esta proposta de curso tem como objetivo a formação do professor de Artes, ampliando o repertório referente aos conteúdos sobre Cultura Regional, como integrar a interculturalidade na escola, cultura afro-brasileira e cultura indígena, desconstruindo essa miopia que o caráter monocultural presente na comunidade acaba criando.

Pensando nesta minha formação como acadêmica, neste momento, posso ver como esta pesquisa me desconstruiu, como foi importante esse olhar mais aberto ao ver a cultura do “outro”. Quando enfatizo o quão importante é levar a cultura indígena, africana e outras culturas para a sala de aula, não é para desmerecer a cultura europeia hegemônica presente no município, mas sim para compreender a história e os acontecimentos que levaram a comunidade a ser o que é hoje, quem está sendo valorizado, quem está em minoria, e possibilitar que a minoria ganhe força e voz por direitos humanos, não por pena.

Sabemos como a colonização aqui na região foi sofrida, pois era voltada para o trabalho. Estes imigrantes saíram de sua terra natal que já possuía grandes avanços tecnológicos para construir uma nova civilização no Brasil. Muitos não sabiam o que iriam enfrentar quando chegaram aqui, talvez o Estado tenha sido o maior vilão desta história na época. Hoje, na educação, temos o poder de contar os acontecimentos do período e contribuir na formação dos alunos, lembrando que a arte é uma produtora de conhecimento, ou seja, estes alunos que passam pela experiência de conhecer e refletir sobre sua própria cultura, além de tomar conhecimentos dos valores da comunidade, passa a respeitar a cultura do outro, evitando o etnocentrismo.

Acredito que esta pesquisa pode estar em movimentação ainda, e que futuros pesquisadores possam dar continuidade à pesquisa questionando a realidade das aulas de Artes em Urussanga, pois nós, professores de Artes em formação, somos resistência nesta atual sociedade.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Viviane Kraieski de. Brincar na Rua: Relações Entre Moradores de Camadas Médias e Populares no Morro da Caixa. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 16, n. 37, p.1-19, 2015. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/53144>>. Acesso em: 16 out. 2018.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 2. ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2003. 516 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 130p. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>> Acesso em: 03/04/18

_____. Presidência da República. **LEI Nº 9.394**. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 03 abr. 2018.

CANDAU, Vera Maria. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença*. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p.45-56, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/05.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2018.

CARVALHO, Cristina. **Quando a escola vai ao museu**. Campinas, Sp: Papyrus, 2016.

CHIMAMANDA Adichie: o perigo de uma única história. [s.i]: Tedglobal, 2009. (18 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br#t-25610>. Acesso em: 31 out. 2018.

ESTADO DE SANTA CATARINA MUNICÍPIO DE URUSSANGA PODER LEGISLATIVO. **Lei Orgânica do Município de Urussanga**. Urussanga, 20 dez. 2016. p. 1-23. Disponível em: <<https://www.anexos.softcam.com.br/URUSSANGA/anexos/201612211242051482331325.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 102 p.

IAVELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003. 126 p.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. 30. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2017. 205 p.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 27.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2015. 117 p.

LINTON, Ralph. **O homem: Uma introdução à antropologia**. 3.ed. São Paulo,

Livraria Martins Editora, 1959. Apud. BODART, Cristiano. **Cultura e diversidade cultural**. 2011. Disponível em: <<https://cafecomsociologia.com/cultura-e-diversidade-cultural/>>. Acesso em: 03 abr. 2018.

LEITE, Maria Isabel. **Experiência estética e formação cultural**: discutindo o papel da cidade e seus equipamentos culturais. In: MAKOWIECKY, Sandra (Org.); OLIVEIRA, Sandra R. Ramalho e). **Ensaio em torno da arte**. Chapecó: Argos, 2008. p. 55-74.

MARQUES, Mons. Agenor Neves. **Imigração Italiana**: Edição comemorativa ao centenário de Urussanga 1878-1978. Criciúma: Gráfica Ribeiro, 1978. 265 p.

MASP. **Histórias Afro-Atlânticas**: 29.06 a 21.10.2018. 2018. Disponível em: <<https://masp.org.br/exposicoes/historias-afro-atlanticas>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

MIZIESKI, Mikael. **(DES)CONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS: UMA CONVERSA COM PROFESSORAS DE ARTES E PEDAGOGAS DA REGIÃO DA AMESC**. 2015. 98 f. TCC (Graduação) - Curso de Artes Visuais Licenciatura, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/3708/1/Mikael%20Miziescki.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2015.

PAULO, Pinacoteca de São. **Mulheres Radicais: arte latino-americana, 1960-1985**. 2018. Disponível em: <<https://pinacoteca.org.br/programacao/mulheres-radicalis-arte-latino-americana-1960-1985/>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **O que é etnocentrismo**. 11 ed. SP, Brasiliense. 1994. 95 p.

SAHAGOFF, Ana Paula. **PESQUISA NARRATIVA: uma metodologia para compreender a experiência humana**. XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação - SEPesq Centro Universitário Ritter dos Reis 2015. 7 f.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Nova História de Santa Catarina**. 5. ed. Florianópolis: Editora da Ufsc, 2004. 118 p.

THIS Is America. Direção de Hiro Murai. Realização de Childish Gambino. [s.i]: Jason Cole Of Doomsday With Ibra Ake And Fam Rothstein Of Wolf + Rothstein, 2018. (4 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VYOjWnS4cMY>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

URUSSANGA, Município de. **Apresentação**. 2018. Disponível em: <<https://www.urussanga.sc.gov.br/municipio/index/codMapaltem/6330>>. Acesso em: 24 set. 2018.

WOORTMANN, E. F. Identidades e Memória entre Teuto-Brasileiros. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 6, n. 14, p. 205-238, 2000.

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A – PESQUISA DE CAMPO

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA
ROTEIRO PARA A PESQUISA DE CAMPO
ACADÊMICA: RITA DE CASSIA CITADIN

Questão problema da pesquisa: Como a Cultura Regional está presente nas metodologias das aulas de Artes nas escolas de Urussanga?

Escola: Municipal () Estadual () Privada ()

1- Há quanto tempo você trabalha como professor(a) na educação do município de Urussanga? E com o ensino de Artes?

2- Qual a sua formação?

3- Você acha importante tratar de cultura regional nas aulas de Artes? Por quê?

4- Você trata de cultura regional nas aulas de Artes? Quando? Em quais turmas este tema se faz presente nos planos de ensino?

5- Quais conteúdos são tratados como cultura regional nas aulas de Artes?

6- De que forma estas discussões são apresentadas aos alunos? Quais os recursos utilizados para abordar a cultura regional de Urussanga nos planos de ensino?

7- Você trata sobre artistas locais nas aulas de Artes? Quais?


8- As histórias dos indígenas e negros aparecem durante as aulas sobre cultura regional? Como?

9- Aborda o tema por constar na lei, na LDB, na BNCC e nos PCN?

10- Você conhece a proposta de educação intercultural? O que acha desta proposta?

ANEXO (S)

ANEXO A - MODELO DE AUTORIZAÇÃO

	<p align="center">UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC</p> <p align="center">CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA</p>
---	---

AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

Eu, (NOME), _____ (ESTADO CIVIL), _____ (PROFISSÃO), _____ portador(a) da carteira de identidade nº (NÚMERO), _____ expedida pelo (ÓRGÃO EXPEDIDOR), _____ inscrito(a) no CPF sob o nº (NÚMERO) _____, residente e domiciliado(a) no (ENDEREÇO),

autorizo, de forma expressa, o uso e a reprodução de minha imagem, do som da minha voz, sem qualquer ônus, em favor da pesquisa da acadêmica Rita de Cassia Citadin do Curso de Artes Visuais da UNESC sob orientação da Prof.^a Dra. Viviane K. de Assunção para que o mesmo os disponibilize como dados da pesquisa de campo em seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos à minha imagem, conexos ou a qualquer outro.

Local e data: _____

Assinatura: _____

Identificação na pesquisa:

Destaque abaixo o nome que gostaria de ser identificado na pesquisa

ANEXO B - PrintScreen da notícia de 14/06/2018

amoto.blogosfera.uol.com.br/2018/06/14/em-nome-da-seguranca-publica-temer-decreta

Em nome da segurança pública, Temer decreta morte do Ministério da Cultura

Leonardo Sakamoto 14/06/2018 | 15:22

Compartilhe       Imprimir  Comunicar erro



O ministro da Segurança Pública, Raul Jungmann, e o presidente Michel Temer. Foto: Lucas Lacaz Ruiz/Estadão Conteúdo

Por João Brant*, especial para o blog

Para juntar dinheiro para a segurança pública, Temer resolveu secar a fonte da cultura e do esporte. Na última terça (12), foi publicada a Medida Provisória 841, que reorganiza o Fundo Nacional de Segurança Pública e redistribui os recursos das loterias destinados a essas áreas.

Fonte: <https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2018/06/14/em-nome-da-seguranca-publica-temer-decreta-morte-do-ministerio-da-cultura/>

ANEXO C: PrintScreen da manchete de 18/05/16 sobre o Ministério da Cultura

The screenshot shows the top of the El País website. The header includes the logo 'EL PAÍS', a navigation menu with 'GOVERNO TEMER', 'LAVA JATO', 'IMPEACHMENT', 'CONGRESSO NACIONAL', and 'NOTÍCIAS', and social media icons for Facebook, Twitter, and Google+. A secondary header reads 'A CRISE POLÍTICA NO BRASIL'. The main headline is 'A Cultura é (novamente) degolada em tempos de ajuste fiscal', with a sub-headline 'Com a ascensão de Temer, o Ministério da Cultura é fundido com a pasta de Educação'. Below the headline are social sharing icons for Facebook, Twitter, and Email, and a heart icon for likes. A large photograph of a crowded legislative chamber is visible at the bottom of the screenshot.

Fonte: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/11/politica/1462998470_097192.html

ANEXO D: Manifesto da bancada evangélica no dia 29/10/18

The screenshot shows a news article from 'Revista Fórum'. The date is '29 DE OUTUBRO DE 2018, 21H16'. The headline is 'Manifesto da bancada evangélica propõe extinção do Ministério da Cultura'. The sub-headline reads 'A bancada evangélica, uma das principais bases de apoio de Jair Bolsonaro e que elegeu este ano 180 parlamentares, lançou uma lista de propostas que inclui a extinção de ministérios e a instituição do "ensino moral"'. Below the text is a photograph of several men in suits, some with their hands raised, in what appears to be a legislative chamber.



Foto: Saulo Cruz/Agência Câmara

Fonte: <https://www.revistaforum.com.br/manifesto-da-bancada-evangelica-propoe-extincao-do-ministerio-da-cultura/>

ANEXO E: Uol - Manchete do dia 29/03/18

UOL eleições 2018

APURAÇÃO - RAIO-X - PESQUISAS UOL CONFERE CANDIDATOS - DEBATES E SABATINAS - CAL

Bolsonaro defende a extinção do Ministério da Cultura 25

Vinicius Boreki
Colaboração para o UOL, em Curitiba* 29/03/2018 | 14h06

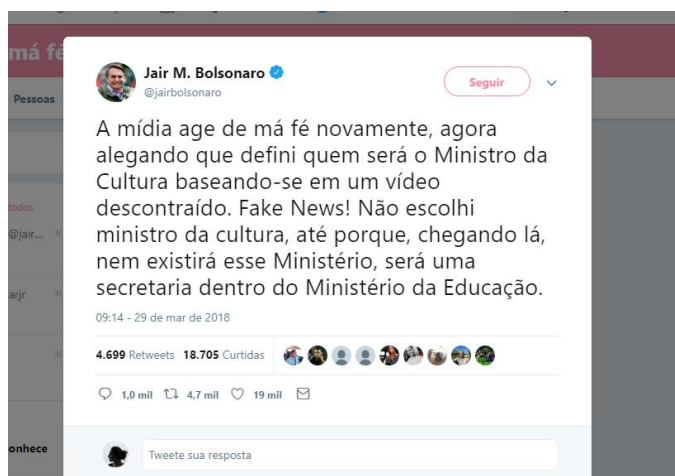


Ezequiel Joatã Prestes /Fotoarena/Folhapress



Fonte: https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/03/29/bolsonaro-defende-a-extincao-do-ministerio-da-cultura.htm?fbclid=IwAR1c0By9WjLNGh1ofhxg2ILfaw-RUjP_BWB5CZd5h8sNde4y9KuiZQHz0og

ANEXO F: Tweet do candidato Bolsonaro falando sobre o Ministério da Cultura do dia 29/03/18



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/979391351157592067>